

# Boletim informativo da Federação Portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain

## © DIREITO HUMANO

*Solstício de Inverno de 2013, Ano 4, nº 10*

33º Aniversário da R.:L.: Humanidade

30º Aniversário da R.:L.: Fraternidade

10º Aniversário da R.:L.: Gaia

10º Aniversário da R.:L.: Adelaide Cabete

6º Aniversário da Federação Portuguesa

90º Aniversário da criação da 1ª Loja  
do Direito Humano em Portugal

120º Aniversário da Ordem Maçónica  
Mista Internacional “Le Droit Humain”





**Neste número:**

Editorial

33º Aniversário da R L Humanidade

30º Aniversário da R L Fraternidade

10º Aniversário da R L GAIA

10º Aniversário da R L ADELAIDE CABETE

6º Aniversário da Federação portuguesa

90º Aniversário da criação da 1ª Loja do DH em Portugal

120º Aniversário da O.:M.:M.:I.: “Le Droit Humain”

Imagem da capa: Símbolo da da O.:M.:M.:I.: “Le Droit Humain”

Editora: Maria de Fátima Pires – Presidente do Conselho Nacional

Grupo de trabalho do boletim informativo:

Maria da Graça Gomes, M.:P.:G.:C.:

Manuel Garrido

Raquel Reininho

Grafismo: Manuel Garrido

Participaram neste número as Lojas da Federação Portuguesa:  
Humanidade, Fraternidade, Gaia e Adelaide Cabete.

Colaboradores neste número: Júlio Teles, E.:M.: , Maria de Fátima Pires,  
Ana Maria Pires da Silva e Manuel Garrido

*(alguns participantes preferiram manter o anonimato)*

Cada artigo mantém a nova ou a antiga ortografia usada pelo autor.

Contacto para sugestões e colaborações: [dhpt@sapo.pt](mailto:dhpt@sapo.pt)



Minhas queridas Irmãs e meus queridos Irmãos,

Eis mais um Boletim, trazido à “estampa” graças aos contributos dos Irmãos que nos fazem chegar as suas mensagens e os seus textos, bem como graças à vontade e dedicação de todos os que integram a equipa que o compõe.

Este Boletim destaca a comemoração em 2013 do 33º aniversário da R.: L.: Humanidade, do 30.º aniversário da R.: L.: Fraternidade, do 10º aniversário da R.:L.:Adelaide Cabete e do 10.º aniversário da R.: L.: Gaia.

Também é de assinalar que no dia 8 de Dezembro de 2013 se realizou o 6.º aniversário da Federação Portuguesa do Direito Humano, dia que todos comemorámos de forma especial.

Tal como a héxade, representação gráfica do número seis, segundo os pitagóricos, era “A Perfeição das partes”, façamos deste dia um dia perfeito para cada um de nós, partes de um imenso e grandioso todo, que é a nossa Federação, a qual é ainda parte de um todo maior que é a Maçonaria Universal.

Queridas Irmãs e queridos Irmãos, quero destacar que no decurso destes eventos tenho observado o desenvolvimento e aprofundamento das melhores características que a nossa Federação tem, dando exemplo e pondo em prática o que já pôs o movimento de tolerância, empirista e iluminista desenvolvido em Inglaterra post Glorious Revolution de 1688, na medida em que foi um precursor das actuais concepções da democracia liberal, da democracia moderna e dos direitos humanos, que influenciou fortemente a formação do actual modelo da maçonaria.

Tenho o prazer de ver que estamos, todos nós, Irmãos, a dar exemplo disso mesmo.

Nestes tempos difíceis, onde é visível a crise de valores, a par com a crise económica, faço votos para que todos nós, minhas queridas Irmãs e meus queridos Irmãos, continuemos a ser melhores, caminhando com paciência, serenidade, tolerância e justiça.

Recebam o meu forte TAF

Maria de Fátima Pires

*Presidente do Conselho Nacional da Federação Portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional - “Le Droit Humain” – O Direito Humano.*

# EDITORIAL

## Boletim informativo da Federação portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain



# 33º ANIVERSÁRIO DA RESPEITÁVEL LOJA HUMANIDADE

## Celebração do aniversário



**HUMANIDADE**  
R.:L.: n° 1294



Como estamos em terreno de símbolos, olharei para este símbolo, E como hoje é dia de festa, procurarei fazê-lo como uma criança. Uma criança a fingir que é Or.'. , quando apenas é, e pretende ser, uma criança a brincar aos OrOr.'. , a mais eficaz forma de aprendizagem que as crianças usam e que ganhamos em lembrar.

Não deixa de ser um número interessante, é um símbolo espelho de sim mesmo. Além disso, contém o 3, e duplamente. Dizem os estudiosos do simbolismo dos sonhos, que quando um símbolo aparece em duplicação algo está resolvido ou em vias de resolução. Se esse símbolo é o três, podemos imaginar a potência nuclear ou alquímica que, duplicadamente, triplamente, exponencialmente, transporta.

O salmo 33 fala do regozijo derivado de um coração justo, fala de música, cantos e júbilo. Hoje estamos nesse estado de celebração e por isso a VM.'. , como voz da L.'. , convocou todos os que aqui estão presentes.

Nos arcanos maiores do tarot, o duplo três, que é o seis, são os amantes. O que segue a linha anterior: quando os amantes se reúnem, há justiça no coração e celebração nos cânticos. Há júbilo na união entre o sagrado e o profano, não há luta.

Nos arcanos menores, o seis de paus é a vitória, o de copas a alegria, o seis de espadas e o de ouros são o sucesso material e merecido.

Na cabala, o número seis corresponde à beleza e a Thipheret, o ponto central, o sol espiritual e a clemência.

Na numerologia, o seis também é um número feliz e está associado à harmonia.

No calendário corresponde à sexta-feira, dia muito simpático, pelo fim de semana que indicia e antecede. Nas astrologia é o signo Virgem, cujo regente é Vénus.

É um nunca acabar, o simbolismo do 33, mas se enveredarmos por outras áreas já consideradas científicas, não é diferente: são 33 as voltas espiraladas do DNA e finalmente, mas não menos importante, as 33 vértebras do corpo humano.

E era aqui que queria chegar, ao interior, ao osso. Porque é a estrutura.

Essa tem sido, aliás, a tônica desta L.'. nascida no dia 29 do terceiro mês de 1980: a qualidade das vértebras, que é a vertica-

lidade, sem rigidez, mas com flexibilidade. Para isso lhe têm servido as suas 33 vértebras, ano a ano alinhadas. Umhas vezes com o esquadro, outras com o nível e o prumo, às vezes com o malho. Não será essa, afinal, a verdadeira iluminação? Não dependerá a iluminação de um bom alinhamento das vértebras? E onde se aprende isso senão na matéria? Onde se alinha o DNA sem o suporte das vértebras?, esse humilde e lento elevador que quanto mais sobe mais consciente está da primeira vértebra de onde partiu. Humildade, lentidão e gratidão. É o caminho da ascensão, aquele que conserva o foco no ponto de partida, aonde sabe que muitas vezes regressará, se é que alguma vez de lá saiu.

As vértebras de uma L.' são os lrlr.' e lala.' que a compõem desde o seu início até ao infinito futuro, representados estes todos por aqueles que a representam no único tempo que existe, que é o presente.

É importante cuidar bem de cada vértebra. Às vezes uma vértebra adoece, algumas desviam-se, criando escolioses, outras enfraquecem, por falta de cálcio. A doença de um é a doença de todos. Também a saúde. Ninguém fica de fora e apenas se salva se assumir a responsabilidade pelo seu mundo, que neste caso é a L.'

Assumir a responsabilidade significa isto mesmo: assumir a responsabilidade. Não significa tentar mudar o outro para que eu permaneça igual. Significa compreender que o universo é hologramático, e assim, é em mim que posso atuar sobre a doença que vejo no outro. É essa a magia que se faz numa L.' vertebrada. Como na vida. Ou não se faz. A doença que vemos no outro pode ser atraso, mentira, obsessão, agressividade, absentismo, alienação, superficialidade, dogmatismo, radicalismo. Mas como estamos em rede, ninguém fica de fora daquilo que vê.

Essa tem sido,  
aliás, a tónica  
desta L.:  
nascida no dia  
29 do terceiro  
mês de 1980: a  
qualidade das  
vértebras, que é  
a verticalidade,  
sem rigidez, mas  
com flexibilidade.  
Para isso lhe têm  
servido as suas  
33 vértebras,  
ano a ano  
alinhadas.



Decoração do  
Templo para a  
Celebração dos  
33 anos da R.: L.:  
Humanidade

O trinta e três que hoje celebramos, a imagem eloquente do ser com seu espelho, ou do duplo trino, mostra a cada maçõn desta R.'. L.'. que sem espelho não existimos

É essa a perfeição de uma L.', a sua dinâmica, divina e assumida imperfeição.

Numa L.', como em qualquer religião ou escola, o esoterismo sem assunção de responsabilidades individuais, sem os pés no chão e a alma conhecedora da lama, é escapismo, evasão, uma alienação como outra qualquer. Tudo, menos espiritualidade. O melhor mestre espiritual do maçõn é a pedra bruta, espelho honesto e dedicado.

O trinta e três que hoje celebramos, a imagem eloquente do ser com seu espelho, ou do duplo trino, mostra a cada maçõn desta R.'. L.'. que sem espelho não existimos. Que não há espelho sem espelhamento e que não é certo que o espelho revele a imagem do real ou que seja a imagem do real a revelar como espelho o reflexo deste. Quem sou eu, quem és tu, quem é real, onde reside a ilusão? É a lição do 33. Ainda que com cânticos, ainda que com júbilo.

Assumir a responsabilidade pela criação do mundo à sua volta, com ausência de culpa, porque uma não só implica a outra, como a dispensa, é o mais alto grau do maçõn: o estado de inocência universal. Muito mais elevado que o formal grau 33. O verdadeiro grau 33 é o que se trabalha na mais humilde vértebra da coluna que é a L.'. e que umas vezes se revela e outras se oculta, mas que existe.

R.'. L.'. Humanidade

A la '. Or.'.

29 de março de 2013 E.'. V.'.



# 33º ANIVERSÁRIO DA RESPEITÁVEL LOJA HUMANIDADE



Expositor de peças evocativas dos 33 anos da R.: L.: Humanidade

Bolo de Aniversário



Ágape que se seguiu à Celebração do Aniversário





## 33º ANIVERSÁRIO DA RESPEITÁVEL LOJA FRATERNIDADE

# Celebração do aniversário

Algumas recordações...

*“Deus sonha, o homem pensa, a obra nasce...”*

Fernando Pessoa

O nosso irmão Jorge Moreira já elaborou um bom trabalho da história da Loja Fraternidade e que constitui, estou certo, um legado para o futuro, digno de ser lido por todos nós.

Falemos um pouco sobre o espírito, as convicções e os ideais que levaram à constituição da Loja Fraternidade; o que nos espíritos prevaleceram quando este desígnio foi assumido. Os sonhos, o futuro que se pretendia construir, o entendimento da maçonaria, o serviço que ela prestaria aos Homens e Mulheres que a ela iriam aderir.

Tudo começou numa reunião privada da Sociedade Teosófica de Portugal, em Lisboa, em que o Ir. José Correia e eu estávamos presentes, que surgiu a oportunidade de falar de maçonaria com a Irmã Enita.

O irmão José Correia já tinha desde a sua juventude simpatia pelos ideais da maçonaria, porém, a ditadura de Salazar impediu a sua adesão à nossa Ordem. Na sua idade já avançada, depois de 1974, após várias deslocações a França e à Holanda, sedimentaram ainda mais nele o desejo de fundar uma loja do DH no Porto. A conversa com a Irmã Enita foi a espoleta.

Após essa conversa com a Irmã Enita, ela disponibilizou-se para se estabelecer um contacto com a nossa Jacqueline e René Aucoutourier em casa do nosso Irmão Victor.

A Maçonaria do D.H., no entendimento daqueles que no Porto foram fundadores e construtores, ocorreu não só de uma forma espontânea, aliás, como se fosse um prolongamento do apogeu de uma vida, em que Tradição Iniciática nas suas variadas escolas, teve papel principal. Tudo foi feito em estreita colaboração com França – René e Jacqueline Aucoutourier – via telefónica, para preparar a iniciação dos futuros membros da Loja Fraternidade e acomodar/construir/adquirir todos os utensílios que seriam necessários para as cerimónias. O nome de Fraternidade, foi sugerido pelo nosso Irmão José Correia, como uma expressão simbólica da Fraternidade Universal, valor bem querido da Teosofia e tónica dominante da sua vida.

A Maç. como uma expressão das Escolas de Mistérios, tem uma particularidade especial. Pelo seu próprio simbolismo, pelo seu ritual pelo seu misticismo é capaz de congrega os homens e mulheres de todo o mundo e portanto de todas as religiões, credos, sexos, cor,... É este valor fulcral e único, nas muitas conversas que tivemos com o irmão Victor, que desde sempre nos fascinou. Na verdade, esta Universalidade de Linguagem, de natureza própria, capaz de unir os Homens e Mulheres, é um referencial que nos motivou desde o início. Tanto assim é, que os factos o comprovam. A Ordem está activa nos cinco continentes e em todas as civilizações, o mesmo é dizer, com membros de todas as raças, tradições, filosofias, religiões...

E de tal modo era um ideal, que não se contam as horas, as cansaças despendidas, o dinheiro e tempo roubado à família; tudo isto vivido com total desapego e desprendimento. Verdadeiramente, somos sempre um instrumento do Absoluto; é nesta dimensão que nos realizamos e nunca no egoísmo – seja qual for a forma que ele se revista. Esta é uma verdade a descobrir no coração de cada um de nós e uma das maiores lições da Vida e da Maçonaria.

Todos nós sabemos que a Harmonia é uma resultante no Homem, quando este realiza a natureza essencial do Absoluto em si mesmo – a Luz - e se torna mediador das mais poderosas forças do universo: Amor, Compaixão, Paz, Bondade, Alegria e Fraternidade.

Foi a secreta esperança de dar a investigar/conhecer/irradiar esta realidade, certamente só passível de ser vivida e nunca descrita ou transmitida, que incendiou o fogo do entusiasmo da construção da Loja.

Se o Homem se realiza na mediação da natureza do Absoluto – a Luz - é também nessa exacta medida que à sua volta é capaz de na sua família se tornar um factor benéfico, um elemento justo de pacificação harmoniosa.

Se no mundo profano as trevas dominam, é unicamente no seio da Harmonia do Ser, inserido na família, no círculo alargado dos colegas de trabalho, dos amigos; ou nos círculos amplos do desporto, da arte, da política, da cultura..., que a Luz poderá resplandecer.

A Maçonaria do D.H., no entendimento daqueles que no Porto foram fundadores e construtores, ocorreu não só de uma forma espontânea, aliás, como se fosse um prolongamento do apogeu de uma vida, em que Tradição Iniciática nas suas variadas escolas, teve papel principal.



Os bolos de Aniversário

Eis como este ideal Místico e Iniciático da maçonaria, foi sempre o que inspirou e presidiu ao nascimento do Direito Humano no Porto. Um ideal que os fundadores quiseram legar para o futuro como um espaço/tempo de encontro de seres humanos, que procuram, partilham e celebram a Luz.

A conquista e a irradiação da Luz, como expressão do S.S.U. – Supremo Soberano do Universo - em cada ser humano, constituiu a interpretação da Tradição Iniciática – A Arte Real – daqueles que a quiseram procurar, partilhar e celebrar com os futuros membros.

Toda a colaboração foi prestada na abertura de novas lojas em Lisboa e na Nazaré. Nunca o cansaço venceu. Pois esta Luz que procuramos, deu-nos força para fazer aquilo que não pensaríamos ser possível.

O convívio de horas, dias de conversas, de troca de opiniões, de trabalho conjunto com o Irmão Victor, - que foram de reflexão sobre a vida, o homem, a família, o universo, a ciência, a religião, a filosofia, a economia, a política- foram também tempos de partilha e aprendizagem mútua. Tempos inesquecíveis, de tal modo, que se o tempo voltasse atrás, todo o trabalho voltaria a ser feito. Mais oportunidades surgirão em futuras vidas - será uma honra!

Eis como este ideal Místico e Iniciático da maçonaria, foi sempre o que inspirou e presidiu ao nascimento do Direito Humano no Porto. Um ideal que os fundadores quiseram legar para o futuro como um espaço/tempo de encontro de seres humanos, que procuram, partilham e celebram a Luz.

Com efeito, instituir uma tradição em que o homem pudesse regressar à sua verdadeira e primeira/última natureza – expressão do Absoluto. Pois, nos seus íntimos sabiam que embora o Homem sendo imperfeito, tem na sua natureza a essência que o pode libertar, realizar e exprimir como um verdadeiro homem e não como um animal.

Trabalhar a pedra bruta é preparar-nos para sermos os portadores da Luz, na exacta medida em que dela dermos testemunhos e dela formos mediadores. Isto é, tornar-nos na expressão do Amor, da Bondade, da Compaixão, da Paz, da Alegria, da Fraternidade para com toda a forma de vida que nos rodeia.

Pela minha parte, meus Irmãos e Irmãs, por imperativos familiares, embora fisicamente não esteja presente nas reuniões; o meu espírito estará sempre convosco.

Júlio Teles



## Notícia do 30º aniversário da R.:L.:Fraternidade

No dia 16 de Novembro de 2013 a R.:L.:Fraternidade comemorou o seu 30º aniversário com uma simples mas bela sessão solene. Estiveram presentes a M.:P.:G.:C.: e Repr.: do Sup.:Cons.:, a M.:Il.:la.: Graça Gomes; as MM.:RR.: Presidentes do Conselho Nacional da Fed.:Portuguesa e Espanhola, as MM.:RR.:Ilra.: Fátima Pires e Ana Valet ; os VV.:MM.: das RR.:LL.:Athamor e Adelaide Cabete, respectivamente as Ilra.: Virginia Antunes e Nair Cardoso; os GrGr.:InspInsp.: GG.: da Federação Portuguesa, MM.:Il.:Ilr.: Teresa Soeiro e Manuel Garrido; as ConsCons.: da Federação Portuguesa, MM.: RR.: Ilra.: Dalila Germano e M<sup>a</sup> José Tavares.

Estiveram também presentes como visitantes os seguintes Ilr.:

Da R.: L.:Adelaide Cabete a Or.:de Braga os Ilr.: Fernando Correia e Marta Gonçalves; da R.: L.: Gaia a Or.:de Gaia os Ilr.: Júlia Farge e Walter Gaspar; da R.: L.:Athamor a Or.:de Lisboa a Ira.: Ana Maria Pires da Silva; da R.: L.: Construir do GOL a Or.: de Coimbra os Ilr.: Jorge e Pedro Ramos; da R.: L.: Estrela do Norte do GOL a Or.: de Porto os Ilr.: Jorge Freire e Oliveira; da R.: L.: Teixeira de Pascoais do GOL a Or.: de Amarante o Ir.: Henrique; da R.: L.: Vitriol do GOL a Or.: de Porto o Ir.: Luís Ramos;

Antes da abertura dos TTrab.: a assinalar a especial solenidade da sessão, o Ir.:Jean-Marc tocou a peça musical "A Lista de Schindler". O Ir.: Vítor Cardoso, membro fundador da Loja, apresentou uma prancha alusiva à história da Loja.

No final da reunião a V.:M.:ofereceu uma medalha alusiva à efeméride à M.:P.:G.:C.:, às PPres.:das Federações aos GGr.:Illnsp.: GG.: e aos VV.:MM.: presentes. A todos os Ilr.:E Ilra.: presentes foi oferecido um pequeno marcador magnético. A R.:L.:Fraternidade também recebeu ofertas: da M.:P.:G.:C.: recebeu um candelabro de 5 braços; da V.:M.: da R.:L.: Athamor recebeu uma bonita Trolha e da V.:M.:da R.:L.:Adelaide Cabete a promessa de vir a receber 3 Malhetes.

Seguiu-se um ágape informal num restaurante próximo da Loja. O ágape, com uma ementa simples mas muito bem confeccionada, decorreu num ambiente fraterno e descontraído onde, mais uma vez, o Ir.: Jean-Marc brindou os Ilr.: e Ilra.: com a execução de duas peças musicais que foram do pleno agrado de todos. Dois belos bolos de Aniversário decorados com O Sol e a Lua foram regados com um excelente vinho francês: um Grande Reserva Borgonha bruto. E desta forma agradável se encerrou o 30º aniversário da 2ª Loja mais antiga da nossa Federação.



# 10º ANIVERSÁRIO DA RESPEITÁVEL LOJA GAIA Celebração do aniversário



A 15 de Junho de 2013 E.:V.: a R.: L.: Gaia comemorou o seu 10º Aniversário, no mesmo dia em que a R.:L.: Adelaide Cabete também o comemorou.

Na sessão solene realizada de manhã estiveram presentes o M.:P.:G.:C.: Representante do Sup.: Cons.:, a M.:I.:Ira.: Graça Gomes; a Pres.: do Cons.: Nacional da Federação, a M.:R.: Ira.: Fátima Pires, os GrGr.:InspInsp.: Gerais, MM.:Il.: Ilr.: Teresa Soeiro e Manuel Garrido; Ilr.: , Ilr.: Ilra.: da R.:L.: Fraternidade e Adelaide Cabete, assim como Ilr.: do G.O.:L.: e da O.:I.:T.:A.:R.:

O V.:M.: na sua intervenção fez alusão ao facto da L.:Gaia.: ser a única Loja da Península Ibérica que trabalha segundo o R.:I.:E.:L.: e à sua breve história, assim como às démarches encetadas pelos Ilr.: fundadores, que se passa a citar:

“Foi durante O Congresso Internacional do D.:H.: realizado em Paris em Julho de 2002 que surgiu a semente que viria a criar a nossa Loja.

Um grupo de Ilr.: da então Jurisdição Portuguesa teve a oportunidade de participar em duas reuniões segundo o R.:I.:E.:L.:, realizadas por Ilr.: das Federações Inglesa, do Canadá e dos Estados Unidos. Tendo ficado sensibilizados pelo valor simbólico e perspectivas de trabalho deste Rito logo se propuseram a pesquisá-lo e a estudá-lo com o intuito de se vir a criar uma Loja deste Rito em Portugal. O nome Gaia teria sido escolhido no aeroporto de Paris, enquanto estes Irmãos aguardavam pelo voo de regresso a Portugal.

A criação da Loja foi aceite pelo Sup.:Cons.:em reunião de Setembro de 2002. Segundo o R.:I.:E.:L.:, o V.:M.:de uma Loja tem de ser submetido previamente a um Ritual esotérico designado de Ritual de Mestre Instalado. Os primeiros Mestres Instalados foram o M.:I.: Ir.: Jorge Gomes, então Delegado do Supr.:Cons.: para a Jurisdição Portuguesa, que já partiu para o





Or.:Eterno e o Ir.:Pedro Velasquez que já não pertence à nossa Ordem. A cerimónia de Mestre Instalado teve lugar a 2 de Fevereiro de 2003 no Or.: de La Rochelle, sob os auspícios da R.:L.: Jean-Théophile Désaguliers e com a presença da Vice Grão Mestre de então, a M.:I.: Ira.:Danièle Juette e a Inspectora do Sup.:Cons.: para a nossa Jurisdição, a M.:I.: Ira.: Thérèse Respaut. Os VV.:MM.:Instaladores foram presididos pelo Il.: Ir.: Bernard Dat.

Ultrapassado este obstáculo, a R.:L.: Gaia Loja ergueu colunas no T.: Jacqueline e René Aucoutourier, no Porto, a 14 de Junho de 2003.”

Após a reunião houve um Ágape informal que reuniu os Ilr.: convidados e os Ilr.: das LL.:Gaia e Adelaide Cabete. A R.:L.: Athanor gentilmente ofereceu uma toalha para os Ágapes e a M.:I.: Ira.: Graça Gomes ofereceu uma moldura da fotografia da M'.P.:G.:C.: e S.: Grão Mestre da nossa Ordem, a M.:I.: Ira.: Yvette Ramon.

Foi durante  
O Congresso  
Internacional do  
D.:H.: realizado  
em Paris em  
Julho de 2002  
que surgiu a  
semente que viria  
a criar a nossa  
Loja



Oferta de retrato da G.:M.: e bolo de aniversário das duas RR.: Lojas, Gaia e Adelaide Cabete



# 10º ANIVERSÁRIO DA RESPEITÁVEL LOJA ADELAIDE CABETE

## Celebração do aniversário



R. L. Adelaide Cabete  
Nº 1782 Or.: Braga

Foi a 15 de Junho de 2013 que a R.:L.:Adelaide Cabete festejou o seu 10º aniversário.

A M.:P.:G.:C.:Il.:Ira.:Graça Gomes, Delegada do Sup.: Cons.:, acompanhada dos GGG.:III.:GGG.:, Il.:Il.:Manuel Garrido e Teresa Soeiro, bem como da M.:R.:Ira.:Fátima Pires, Presidente do Cons.:Nac.: e membros do Cons.: honraram-nos com a sua presença. Ilr.:visitantes em representação das RR.:LL.: Fraternidade, Gaia, Athanor, Estrela da Manhã, bem como Ilr.: do GOL, Rr.:Il.: Harmonia e Pentagrama participaram dessa sessão solene que se iniciou lembrando os Ilr.: e Ilra.: que contribuíram para o erguer de CCol.: desta R.: L.: e a ela dedicaram a sua actividade ao longo destes 10 anos.

Evocou-se de uma forma sentida a memória dos Ilr.: e Ilra.:que já não estão entre nós mas continuam a iluminar-nos com a sua luz.

A efeméride justificava uma celebração cuidada especial; Em reunião preparatória estabeleceu-se o programa e de imediato duas Ilr.: aceitaram o desafio de homenagear de forma peculiar aquela personalidade que deu nome à nossa R.:L.: e inspirou o nosso trabalho. A forma de enfatizar a sua intervenção em prol de uma humanidade mais feliz seria, assim o pensamos, através de um texto em discurso directo que envolveria Ilr.: e Ilr.: dando voz às palavras de Adelaide Cabete.

Na data anunciada, por motivo de doença grave de uma das Ilra.:, não foi possível fazê-lo. Um outro texto, elaborado em tempo record pela Ira.:Eva Machado, foi a solução encontrada, e mostra bem pela pronta solução apresentada que esta L.: e os seus membros não se curvam perante a adversidade, honrando desta forma o nome de Adelaide Cabete.

Convido-vos a ler a prancha apresentada e a partilhar, deste modo, do momento vivido que terminou, em alegria, num ágape fraternal em que as duas RR.:LL.: gémeas, Gaia e Adelaide Cabete, apagaram as tradicionais velas de aniversário e formularam votos de um auspicioso futuro.



## Adelaide Cabete (1867-1935)

“A utopia de hoje é a realidade de amanhã.”

As searas Alentejanas já tinham perdido o seu amarelo sol quando em Janeiro, numa casa humilde de Elvas, nasce uma menina a quem chamariam Adelaide de Jesus Damas Brasão.

“Uma rapariga? Que pouca sorte! Que tropeço. É claro que se há-de arranjar quem case com ela!” – Ouvia-se aqui e ali.

Nesta época, 1867, o estatuto social da mulher está bem marcado e a sua educação bem definida. Andará à volta das saias da mãe, obedece ao poder patriarcal (pai, irmãos, marido...) não estuda, não trabalha, não vota... nasce para casar, ter filhos e ser escrava do lar.

Mas Adelaide não nasce por acaso numa cidade de lutas e de história. Elvas foi a mais importante praça-forte da fronteira portuguesa, a cidade mais fortificada da Europa, conhecida como “Rainha da Fronteira”. Os Godos e os Celtas terão sido os primeiros povoadores desta autêntica cidade-fortaleza, que possui, imaginem, as suas muralhas em forma de estrela. Sim, em forma de Estrela? Não seria isto já um prenúncio de altos voos? Não teria ela os genes dos seus antepassados e das lutas que empreenderam? Não se nasce por acaso numa terra impregnada de história, de batalhas, de alegrias mas também de dor.

Adelaide de Jesus ainda não sabe, mas terá de lutar muito para alcançar a sua estrela.

Ainda é muito jovem quando a morte lhe leva o pai. Logo tem de trabalhar na pequena indústria caseira de secagem de ameixas. Também ajuda nos trabalhos domésticos e agrícolas. São mais dois braços, embora frágeis, mas que a família não pode dispensar. O conhecimento é uma das estrelas que ela quer alcançar. Não pode ir à escola e por isso aprende a ler sozinha. Talvez ouvindo as explicações que um professor dava a uma menina rica que tinha outras coisas em que pensar. Mas ela, Adelaide, nada perdia dessa escola privada. E começa a ler. A ler. A ler. A viajar sem deixar de olhar as ameixas. A descobrir esse mundo mágico que os livros encerram. Foi no seu tempo uma das mulheres que mais actualizada estava. Não lhe serviam os folhetins ou a secção de moda que circulavam entre as senhoras, mas toda a literatura que a sintonizava com um mundo em constante transformação. E ler era uma batalha pois as sabichonas ou literatas eram ridicularizadas e mal vistas.

Mas esta jovem alentejana também sabia cantar. E devia ter uma voz de rouxinol porque um príncipe, apaixonou-se por ela e leva-a para o seu castelo. Adelaide, a princesa, tem 18 anos e Manuel Ramos Fernandes Cabete, sargento da Polícia Municipal, tem 36 anos. Mas o amor é assim. Toca-nos e nasce. Às vezes um olhar, às vezes uma fragrância, às vezes uma voz cristalina, às vezes um nada...

Manuel Cabete não tinha coroa ou ceptro, mas algo muito mais poderoso – a dedicação ao saber, à instrução, aos valores de justiça e da igualdade que eram, no fundo, iguais às aspirações da

Evocou-se de  
uma forma  
sentida a  
memória dos Ilr.:  
e Ilra.: que já não  
estão entre nós  
mas continuam a  
iluminar-nos com  
a sua luz.

Não pode ir à escola e por isso aprende a ler sozinha. Talvez ouvindo as explicações que um professor dava a uma menina rica que tinha outras coisas em que pensar. Mas ela, Adelaide, nada perdia dessa escola privada. E começa a ler. A ler. A ler.

mulher que escolheu para companheira. Oferece-lhe então um presente. O primeiro presente depois de casarem. Mas desenganam-se se estão a pensar, num anel, numa viagem ou até num casaco. Não!

É uma Gramática. Com substantivos, adjectivos, verbos e tudo. O passaporte para o futuro. Ela sorri docemente e diz:

- Ó Manuel, era exactamente a prenda que eu desejava! Obrigada.

E o casamento ao invés de se tornar um fado ou um fardo, como era costume na altura, “tornou-se precisamente fonte de crescimento e de liberdade”.

É bom não esquecer que nesta época (casa em 1886) mais de 75% da população era analfabeta. Adelaide Cabete está neste universo. Mas por pouco tempo... pois com aquela gramática e o apoio do marido que dava explicações de grego e latim, a nossa Adelaide não mais parou de crescer para a vida.

Faz a instrução primária e com 22 anos já tem o seu diploma. Matricula-se no liceu, sempre ajudada pelo marido, quer financeiramente, quer em explicações sobre as matérias ou ainda nos trabalhos domésticos. É de facto um casal ímpar porque cortam com preconceitos e estereótipos de uma sociedade patriarcal para quem a mulher nascia para ter filhos, ser escrava da casa e do marido, e não ter opiniões sobretudo sobre a coisa pública.

Com 29 anos matricula-se na Escola Médico-cirúrgica de Lisboa, obtendo a licenciatura no ano de 1900, com 33 anos. A sua tese “A protecção às mulheres grávidas pobres como meio de promover o desenvolvimento físico de novas gerações” será o ponto de partida de muitas conferências e lutas em prol dos direitos das mulheres, das crianças, da saúde pública, das maternidades e contra os espartilhos, os saltos altos as saias compridas, o álcool... Em 1901 publica o seu primeiro artigo contra a ignorância em que eram mantidas as mulheres, “Instrua-se a mulher”.

Em 1907 é iniciada na Maçonaria no Grande Oriente Lusitano Unido e em 1923 instala em Portugal a Ordem Maçónica Mista do direito humano. Escolhe para nome simbólico Louise Michel, figura francesa que admira e de quem sofreu influências. A defesa da laicidade numa altura em que a igreja ainda arrastava multidões leva-a a aconselhar as leitoras “fugi do Mal, fugi do padre, fugi dos seus sermões, das suas práticas que é a treva...”

Adelaide Cabete é indissociável da história e dos movimentos das ideias sociais e políticas que levam à Implantação da República em Portugal”. Foi ela também, juntamente com Ana de Castro Osório, que bordaram as bandeiras que deveriam ser hasteadas no dia 5 de Outubro de 1910. E daqui podemos inferir a confiança e o envolvimento desta e de outras mulheres na luta pelo ideário republicano. Republicanos que a desiludiram muito. Diz ela sobre o sufrágio feminino “quando os partidos ascendiam ao poder esqueciam o programa e as promessas ... Seria receio? Quanto a mim julgo que a causa era amnésia, doença de que eram atacados todos os meus correligionários logo que subiam ao poder.”

Os artigos de jornal, as conferências, os colóquios, a participação em congressos no país e no estrangeiro sucedem-se. É uma das fundadoras da Liga Republicana das Mulheres, é eleita

presidenta do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, integra a direcção do Centro Democrático republicano Representa o governo Português no Congresso Internacional Feminista de Roma e de Washington, organiza o 1º Congresso Feminista e de Educação e o 1º Congresso Abolicionista em Lisboa, encabeçou o 1º movimento nacional de solidariedade para com os presos políticos em 1928... entre outras causas que ousou enfrentar.

Já viúva, e com a ditadura instalada em Portugal viaja para Angola na companhia do sobrinho Arnaldo Brasão, onde permanece 5 anos. Continua a defender os direitos femininos, melhores condições médico-sanitárias para os mais desprotegidos/das e a denunciar preconceitos e maus tratos a animais, os concursos de beleza. É aqui a primeira e a única mulher a votar a Constituição da República explicando que preferia pior das constituições à melhor das ditaduras.

Convictamente feminista e pioneira nesta luta afirma que “o que as feministas querem é que se dê liberdade e que se não censure aquelas mulheres que se julgam aptas para mais alguma coisa além da sua acção doméstica”. E afirma sobre o lugar da mulher na politica que mante-la alheada “de tudo o que respeita aos vitais interesses da sociedade é, (...) não só uma injustiça flagrante, mas ainda um esbulho feito à colectividade, que fica deste modo privada da experiência e do conselho da metade do seu todo, tão interessada como a outra metade em promover o bem-estar social”.

Não há dúvida que as suas ideias firmes e a forte convicção de muitas mulheres ajudaram a mudar a sociedade da época. Hoje sabemos-lo.

E terminaria com as palavras de Séneca” Não é por as coisas serem difíceis que não temos ousadia. É por não termos ousadia que as coisas são difíceis”.

E Adelaide Cabete Ousou!

Disse.

E.:M.:



## Adelaide Cabete é indissociável da história e dos movimentos das ideias sociais e políticas que le- vam à Implanta- ção da República em Portugal

Oferta de toalha de mesa



## 6º ANIVERSÁRIO DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA



No dia 8 de Dezembro de 2013 celebrou-se mais um aniversário da Federação portuguesa.

Na Sessão Solene de celebração do 6º aniversário da Federação, na presença de convidados nacionais e internacionais, como é habitual, a Muito Respeitável Irmã Fátima Pires, Presidente do Conselho Nacional proferiu o discurso que publicamos ao lado.

Na ocasião foi entregue a todos os presentes um pin da Federação Portuguesa.



Após a Cerimónia seguiu-se a assinatura do Tratado de Amizade entre a Ordem Maçónica Mista Internacional “Le Droit Humain” e o Supremo Conselho Feminino de Portugal, potência maçónica de Altos Graus, com quem temos, há muito tempo, fraternas relações de amizade.

Seguiu-se um almoço de convívio no Hotel Mundial onde vários Irmãos e Irmãs da Loja Adelaide Cabete e um Irmão do GOL, apresentaram uma peça, escrita pela Irmã Eva Machado, sobre a vida e obra da Irmã Adelaide Cabete, pioneira e fundadora da 1ª Loja do Direito Humano em Portugal.





## **DISCURSO DO VI ANIVERSÁRIO DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DA ORDEM MAÇÓNICA MISTA INTERNACIONAL “LE DROIT HUMAIN”, “O DIREITO HUMANO”**

A Federação Portuguesa da Ordem Maçónica Mista Internacional “ Le Droit Humain” – O Direito Humano - comemora hoje o seu VI Aniversário, e, o nosso templo está decorado com 6 palmas, 6 aloés e 6 flores da África do Sul, para comemorar os seis anos da nossa existência.

As flores da África do Sul, foram colocadas como uma simples homenagem a Nelson Mandela, pois não sabemos com rigor se era Maçom, mas sabemos com toda a certeza que defendeu com fervor, os ideais da Maçonaria.

Quero agradecer-vos desde já, por terem vindo, pois a vossa presença neste templo, enche o meu coração de Alegria.

Seis anos passaram e, na simbologia, o número seis é referido como a união dos opostos.

Se pensarmos numa estrela, ela é a junção de um triângulo com a ponta para cima (simbolizando o fogo) a um triângulo com a ponta para baixo (simbolizando a água).

Ora, como a água e o fogo são aparentemente opostos, também o Mundo espiritual e o Mundo material são opostos ou aparentemente opostos.

Mas isso não significa que não tenham que caminhar juntos, porque têm! Até porque juntos chegam mais longe!

Este ano de 2013, por exemplo, e no domínio do Mundo material, conseguimos concretizar a legalização da nossa Associação Profana, tendo sido feita uma Escritura de Alteração Integral dos Estatutos, a atualização de entidade no Registo Nacional de Pessoas Coletivas, bem como foi feita a inscrição/registo da nossa Associação quer na Segurança Social, quer nas Finanças.

Mas mesmo cumprindo estas tarefas mais profanas, mais do Mundo material, creio que todos estamos de acordo em que a Federação não descurou do Mundo espiritual, e tem vindo a cumprir a sua nobre missão, em defesa do respeito pelos ideais maçónicos.

É isso sinal, mais uma vez, que os opostos ou aparentemente opostos podem e devem caminhar em conjunto.

Na verdade, é minha convicção que ao longo destes anos, a Federação tem atuado de forma relevante, quer ao nível material, quer ao nível espiritual.

Aliás, nem isso poderia deixar de acontecer pois é missão da Maçonaria possibilitar o aprimoramento espiritual e moral dos seus membros, e, assim, o aprimoramento da Humanidade.

Seis anos passaram e, na simbologia, o número seis é referido como a união dos opostos.

Se pensarmos numa estrela, ela é a junção de um triângulo com a ponta para cima (simbolizando o fogo) a um triângulo com a ponta para baixo (simbolizando a água).

Uma sociedade que não respeite os valores éticos e morais não tem possibilidade de sobreviver. Ora, a Maçonaria tem um papel fundamental na sociedade e na sua sobrevivência: o de mostrar o caminho dos valores éticos e morais. É também essa a missão da Federação.

A Maçonaria deve pugnar pelos direitos dos Homens e pela Justiça, praticando o amor fraterno, e contribuindo para que se estabeleçam os laços indissolúveis de uma verdadeira fraternidade, sem distinção de raças nem de crenças, condição indispensável para que haja realmente paz e compreensão entre os povos.

Como todos sabemos, a Maçonaria pretende ser uma escola de aperfeiçoamento moral, onde nós Homens nos aprimoramos em benefício de nossos semelhantes, desenvolvendo qualidades e os valores éticos e morais que nos possibilitam ser cada vez mais úteis à colectividade.

Uma sociedade que não respeite os valores éticos e morais não tem possibilidade de sobreviver.

Ora, a Maçonaria tem um papel fundamental na sociedade e na sua sobrevivência: o de mostrar o caminho dos valores éticos e morais.

É também essa a missão da Federação.

Na sociedade moderna, cada vez mais prevalece o culto dos valores materiais, a ambição de sucesso a todo o custo, a luta pela competitividade, a procura do proveito financeiro e a tentativa de obtenção de privilégios.

Mas em sociedade temos que ser cautelosos, atentos, preocupados, interessados, fraternos.

Tem que haver espaço para cultivar valores do espírito, para nos preocuparmos com a ajuda ao próximo, para lutarmos por dar aos nossos semelhantes os direitos à vida e à liberdade.

Na profunda dicotomia que hoje existe em sociedade em que se compromete o equilíbrio das relações sociais, se subverte a justiça social e se ignoram os direitos dos cidadãos, a Maçonaria tem que ter uma palavra ativa, e os seus membros têm a obrigação de pôr em prática os valores que nos guiam, mostrando aos outros que existe o caminho do Bem, o do Mundo mais espiritual, que busca o Bem Supremo.

Temos, nós, Irmãs e Irmãos, uma obrigação acrescida de participar na luta de todos aqueles que acreditam que só o ressurgimento da ética poderá contribuir para credibilizar a sociedade, na luta pelo Bem Supremo para todos os cidadãos, homens e mulheres, de qualquer raça, crença ou religião, saudáveis ou portadores de deficiência, novos de idade ou já veteranos, pois, a Maçonaria tem a obrigação de transmitir valores, de educar; e, educar é transmitir esses valores.

Ora, a Maçonaria deve ter uma missão formativa, de educação, onde a Ética, a Moral e a Justiça estejam presentes e sejam verdadeiramente inseparáveis.

Bom senso, dedicação e amor é o que deve imperar dentro da Maçonaria, e, entre os Irmãos.

A Maçonaria é Universal e como um todo, nós devemos amarmos e valorizar o que é conviver uns com os outros, partilhando em fraternidade, a alegria de um trabalho comum.

A Maçonaria é uma Ordem iniciática tradicional e uma Aliança Universal fundada sobre a Fraternidade que tem por finalidade o aperfeiçoamento da Humanidade.

Os Irmãos que receberam a Luz estão unidos pelos desígnios de aperfeiçoamento intelectual, moral e espiritual, de si próprios

e da Humanidade, irmanados na nobre tarefa da construção dos Templos Interior e Exterior, com a Missão de os unir, estabelecendo e mantendo as relações entre eles.

A validade dos objectivos da Maçonaria e a nobreza dos seus propósitos têm-se mantido intactos ao longo dos tempos, tal como os preceitos que sempre a impulsionaram: os da Liberdade, Igualdade, e Fraternidade, que representam, por si só, o programa de toda uma ordem social.

Mas a fraternidade jamais poderá ser praticada por si só.

Sem igualdade e liberdade não há verdadeira fraternidade.

A liberdade sem a fraternidade, dá liberdade de acção a más paixões.

Com a fraternidade, o homem não faz mau uso da sua liberdade.

A Maçonaria é íntegra, honesta, justa e verdadeira, capaz de combater a intolerância, e, de um modo geral, cumpridora das obrigações que tem para com o mundo.

É assim, minhas Queridas Irmãs e meus Queridos Irmãos, que gostaria que a Federação continuasse a ser.

Assim, se no plano simbólico e iniciático, o Sinal à Ordem, tomando a forma de esquadro, é a união entre a horizontal e a perpendicular, será ainda, a rectidão e a conduta por que toda a Maçonaria se deve guiar, lembrando o Sinal Penal a necessidade de não ceder à influência das paixões e emoções.

Quando soletramos a primeira letra, no pedido da Palavra Sagrada, estamos a transmitir a nossa capacidade de iniciar um Caminho que resultará melhor ou pior, conforme o aperfeiçoamento e empenho que devotamos a conhecer e a melhorar as nossas forças (muito poucas) e as nossas fraquezas (sempre muitas).

Irmãs e Irmãos, munidos de direitos iguais e animados de um sentimento de benevolência recíproco, devemos ir praticando a justiça e a tolerância, sendo solidários.

Como dizia Fernando Pessoa, “quem tiver as chaves Herméticas, em qualquer forma de um Ritual encontrará sob mais ou menos véus, as mesmas fechaduras”.

Queridas Irmãs e Queridos Irmãos, termino com a convicção de que ao longo destes anos, a Federação tem vindo a criar fechaduras e a dar espaço para que os Irmãos encontrem as chaves.

Tem demonstrado também ser um digno “Construtor de Templos à Virtude”, esculpindo-se e esculpindo, adaptando-se ao espaço que lhe foi reservado no levantamento do edifício social, sabendo ultrapassar vontades e vencendo paixões.

Espero que continuemos todos este trabalho, sendo livres, iguais e fraternos.

Disse!

Maria de Fátima Pires

Presidente do Conselho Nacional da Federação Portuguesa  
da Ordem Maçónica Mista Internacional  
“ Le Droit Humain” – O Direito Humano.

**A Maçonaria  
é íntegra,  
honesta, justa e  
verdadeira, capaz  
de combater a  
intolerância, e, de  
um modo geral,  
cumpridora das  
obrigações que  
tem para com o  
mundo.**

**ASSINATURA DO TRATADO DE AMIZADE  
ENTRE A ORDEM MAÇÓNICA MISTA INTERNACIONAL “LE DROIT HUMAIN”  
E O SUPREMO CONSELHO FEMININO DE PORTUGAL**



**PEÇA TEATRAL SOBRE A VIDA E OBRA DE ADELAIDE CABETE  
E ALMOÇO DE CONVÍVIO**





## 90º ANIVERSÁRIO DA CRIAÇÃO DA 1ª LOJA DO DIREITO HUMANO EM PORTUGAL



A Ordem Maçónica Mista Internacional Le Droit Humain – o Direito Humano, chega a Portugal pela mão de uma mulher, que iguala Maria Deraismes na sua determinação, cultura e humanismo.

Adelaide de Jesus Damas Brazão Cabete (1867-1935), médica, higienista, socióloga e maçon, foi iniciada numa Loja de adopção, na Respeitável Loja Humanidade, uma loja feminina, do Grande Oriente Lusitano Unido, no ano de 1907, com o nome simbólico de Louise Michel.

Em 1909 a Loja Humanidade recebe do GOLU (Grande Oriente Lusitano Unido) Carta patente de Soberano Grande Capítulo de Cavaleiros Rosacruz, mas, após sucessivos afastamentos e recomeços, e apesar de várias manifestações de solidariedade por parte de algumas Lojas masculinas, os anos que passa fora do GOLU, a Loja Humanidade vai ressentir-se, perdendo muitas das mulheres que a integravam. Quando volta em 1920, a instância de Magalhães Lima, restam apenas 6, no entanto, juntam-se a estas outras Irmãs da Respeitável Loja Carolina Ângelo, com a condição de manterem as prerrogativas anteriores, isto é, de continuarem independentes, praticando o rito francês.

A Respeitável Loja Humanidade de novo no GOLU, recomeça com 11 elementos, mais tarde chega a ter, a trabalhar em loja, 32 mulheres, sendo maioritariamente professoras. Porém, ressurgem a polémica gerada em torno da questão do rito, agudizada pela publicação de duas versões dum célebre decreto n.º 43 do Conselho da Ordem, bem como pela assinatura, por parte de Portugal dos Estatutos da Associação Maçónica Internacional, em 22 de Outubro de 1922, na qualidade de coo-fundadores, estando consignado no seu art.º 3.º, que “as potências Maçónicas aderentes devem compor-se exclusivamente de homens”

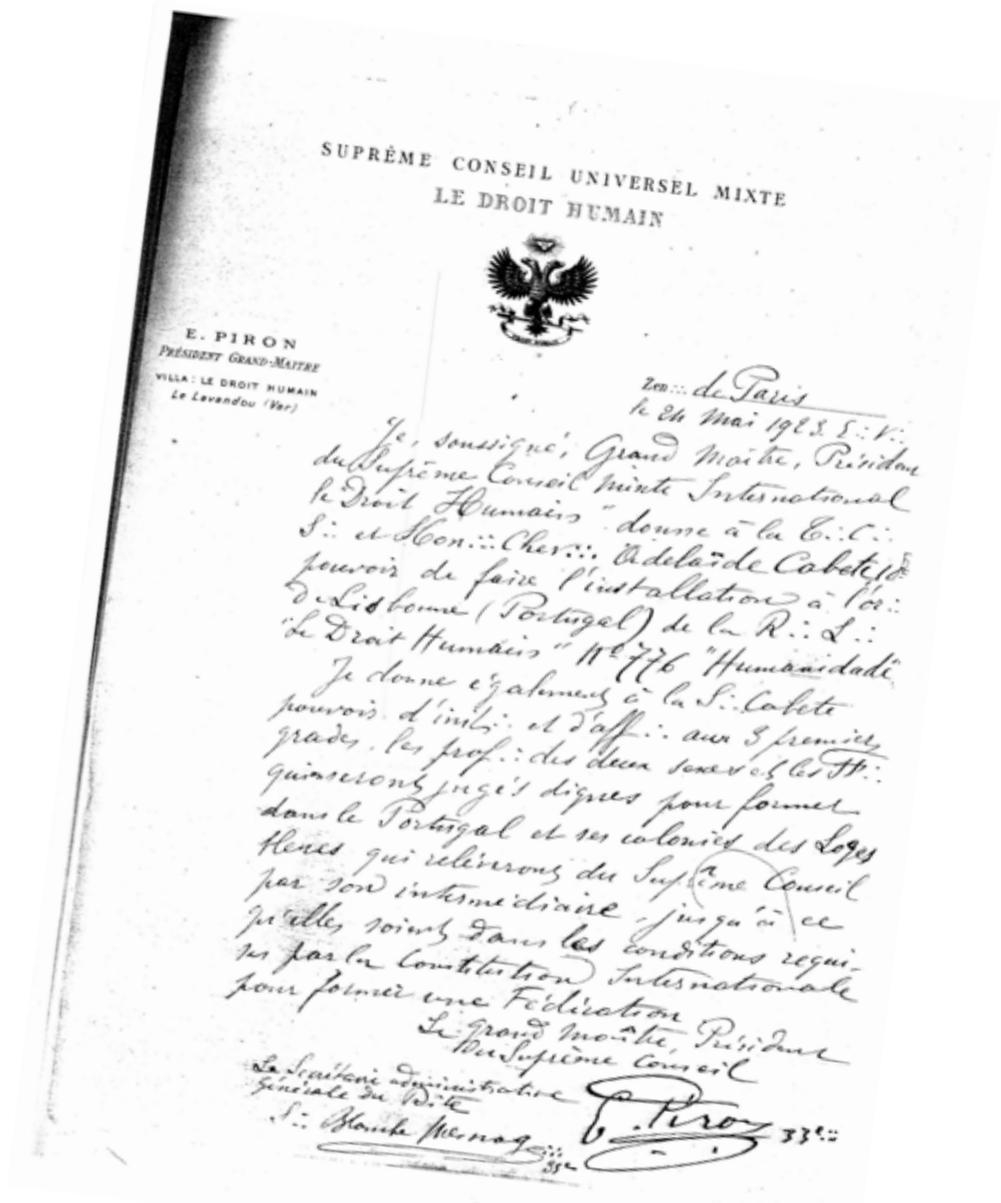
Contudo, a Associação Maçónica Internacional, ou seja L'Association Maçonnique Internationale, sediada a oriente de Genève, propõe-se realizar um Congresso no ano de 1923, lembrando aos associados, que certas questões, nomeadamente a do art.º 3.º, dos Estatutos, deveriam estar resolvidas.

Esta questão, e a controvérsia do decreto 43, que obriga as senhoras a voltarem ao rito de adopção, trás de novo ao de cima, divergências de opinião antigas. Como consequência as Irmãs da Loja Humanidade, abandonam de vez, o GOLU em 1922, por não concordarem com as divergências de tratamento entre lojas masculinas versus femininas.

No ano de 1923, há 90 anos, Adelaide Cabete solicita a sua adesão ao Supremo Conselho Universal Misto Le Droit Humain, tendo sido aceite pelo Presidente do Supremo Conselho da Ordem, Eugene Piron, que confere a Adelaide Cabete o poder de proceder à instalação, a Oriente de Lisboa, da Respeitável Loja Humanidade, com n.º 776, o que prova a Carta Patente de 24 de Maio do mesmo ano:

**“Zenite de Paris, 24 de Maio de 1923 Era Vulgar**

**Eu, abaixo assinado, Grão-Mestre, Presidente do Supremo Conselho Misto Internacional “Le Droit Humain”, confiro à Muito Cara e Venerável Cavaleira Adelaide Cabete, 18º, o poder de proceder à instalação a Oriente de Lisboa (Portugal) da Respeitavel Loja “Le Droit Humain” nº 776 “Humanidade”.**



Em Angola, no ano de 1933, será a primeira mulher e a única a exercer o direito de voto no Plebiscito à nova Constituição Política da República Portuguesa. No ano seguinte, aquando da proibição das sociedades secretas e partidos políticos, regressa ao Continente, e morre em 1935.



Adelaide Cabete, comprometida com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, foi republicana e laica. Nasceu no dia 25 de Janeiro de 1867, na freguesia de Santa Maria da Alcáçova em Elvas, e faleceu em Lisboa, a 14 de Setembro de 1935.

Adelaide Cabete, esteve muito à frente da maioria das mulheres do seu tempo em vários domínios, de que destaco a sua preocupação com a saúde e educação das mulheres, principalmente das grávidas, defendendo a criação de uma instituição que desse protecção às mães e recém-nascidos: uma maternidade, o que só veio a concretizar-se em 1932, com a Maternidade Alfredo da Costa.

Além das consultas, envolve-se e defende a causa feminista.

É dentro deste espírito que participa na fundação de diversas associações e vem a integrar as respectivas direcções. Em 1906, é uma das fundadoras do Comité Português da Associação Francesa “La Paix et le Désarmement par les Femmes”, e sua vogal. Em 1908 integra, ainda que por pouco tempo, a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRMP) e, em 1914, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP), mantendo-se como Presidente até à data da sua morte. Estará também na génese da Associação das Mulheres Universitárias Portuguesas (AMUP) em 1929 e, no ano seguinte, ruma a Angola, com seu sobrinho Arnaldo Brazão, também fundador do Direito Humano em Portugal. Em Angola, no ano de 1933, será a primeira mulher e a única a exercer o direito de voto no Plebiscito à nova Constituição Política da República Portuguesa. No ano seguinte, aquando da proibição das sociedades secretas e partidos políticos, regressa ao Continente, e morre em 1935.

Antes, as alterações sociais e políticas de 1926, com um governo presidido por Mendes Cabeçada, permitiram a instauração da ditadura, e o encerramento progressivo de todas as Lojas do Direito Humano. No entanto, Adelaide Cabete, continua lutando pelos seus ideais, criando outras associações, participando em congressos e publicando em revistas numerosos artigos.

Os seus restos mortais repousam no cemitério do Alto de São João, ao lado de Manuel Cabete, o Homem que foi seu marido e que com ela comungou dos ideais republicanos.

Todavia, em 1974, a mudança de regime verificada após o 25 de Abril, permite ao Direito Humano, qual Fenix renascida, voltar a erguer colunas em Março de 1980, acendendo-se de novo as luzes da Respeitável Loja Humanidade.

No ano em curso, 2013 Era Vulgar, podem agora os Irmãos e Irmãs do Direito Humano comemorar, em liberdade, os 90 anos da fundação da sua primeira Loja em Portugal, e ver de novo o seu nome inscrito no mapa da Ordem Maçónica Mista Internacional "Le Droit Humain" - "O Direito Humano".



No ano em curso, 2013 Era Vulgar, podem agora os Irmãos e Irmãs do Direito Humano comemorar, em liberdade, os 90 anos da fundação da sua primeira Loja em Portugal

Ana Maria Pires da Silva



Selo comemorativo, placa toponímica e recorte de jornal sobre Adelaide Cabete





## 120º ANIVERSÁRIO DA ORDEM MAÇÓNICA MISTA INTERNACIONAL “LE DROIT HUMAIN”



A História do “Le Droit Humain”, desenvolve-se em paralelismo com os movimentos de emancipação da mulher em França e no resto do mundo.

No final do Séc. XIX verificavam-se mudanças sociais crescentes: Uma deslocação das populações do campo para as cidades e o crescimento da população.

A crise económica de 1873 a 1893 conhecida como “a Grande Depressão” afectou as economias mundiais e, em processos sucessivos de crescimento e recessões, provocou o aumento da discriminação das mulheres na transição para a 2ª Revolução industrial. Estas, para além dos baixos salários, tinham dificuldade no acesso à educação e poucos direitos civis.

Nessa época, desenvolviam-se alguns movimentos espiritualistas, como é o caso da Sociedade Teosófica fundada em Nova York em 1875 e a Golden-Dawn fundada em Inglaterra em 1888, entre outros, uns com influências orientais e outros desenvolvendo tradições ocidentais, isto após o desenvolvimento neste século do espiritismo. E nestes novos movimentos a mulher tem o seu lugar em pé de igualdade com o homem. Pelo, contrário, as Lojas maçónicas não acompanhavam esta tendência.

Na França, como em muitos outros países, a mulher era tutelada pelo homem e considerada inferior. No seguimento dos Ideais da revolução Francesa, o Código napoleónico ou Código civil focado no indivíduo e na propriedade e advogando a liberdade da pessoa, não aporta melhorias na situação da mulher, pelo contrário. Estas tinham poucos direitos e nenhuns direitos políticos. Surgem, pois, movimentos reivindicando o direito à educação, ao trabalho, à administração dos bens próprios bem como direito de voto, e pouco a pouco, mediante esforço de alguns homens e com naturais avanços e recuos, alguns passos se vão dando.

**“A Grande Loja Simbólica Escocesa Mista de França, constitui-se para trabalhar, os dois sexos conjuntamente, pela prática das virtudes maçónicas em comum.**

**Ela visa a criação de Lojas no mundo inteiro.**

**Ela é dirigida pelos Oficiais da Grande Loja a Oriente de Paris, constituída em Conselho de administração. Este Conselho é presidido pelo Venerável da Grande Loja de Paris, que tem direito ao título de Grande Mestre.”**

*Extracto da Constituição de 1896 - Boletim Internacional 2º ano nº 4.*

Optámos por listar numa cronologia alguns exemplos e datas marcantes **em França**, sem pretensões de pormenor, mas que incluem algumas das figuras chaves do “Le Droit Humain”:

- 1866 - Maria Deraismes participa, com grande sucesso, em conferências organizadas pelo Grande Oriente de França;
- 1867 - Criados os primeiros cursos secundários públicos para raparigas;
- 1869 - Criação da “Société pour la revendication des droits civils des femmes” por Maria Deraismes com Paule Minck, Louise Michel et Léon Richer;
- 1874 - É proibido às mulheres trabalharem em minas e pedreiras;
- 1874 - É fundado o 1º sindicato feminino, de costura;
- 1875 - Convenção de Lausana, onde são aprovadas as “Grandes Constituições” que não admitem mulheres na maçonaria;
- 1876 - Hubertine Auclert funda a “Association Le Droit des femmes”.
- 1876 - Fundação da “Société pour l’amélioration du sort de la femme” por Maria Deraismes
- 1878 - Maria Deraismes organiza com Léon Richer o Congresso internacional dos direitos das mulheres;
- 1879 - Georges Martin, médico e político, de ideias liberais e republicanas, é iniciado em 21 de Março na Loja “Union et Bienfaisance” da Grande Loja Centrale, em Paris, a trabalhar no REAA;
- 1880 - Georges Martin é elevado a Mestre em 16 de Janeiro na Loja Jerusalem Écossaise a Oriente de Paris e torna-se Venerável Mestre e depois Venerável de Honra;
- 1880 - As mulheres podem aceder às universidades;

Na França,  
como em muitos  
outros países,  
a mulher era  
tutelada pelo  
homem e  
considerada  
inferior.

- 1881 - Maria Deraismes organiza com Victor Poupin o 1º Congresso anticlerical do GODF;
- 1881 - É Concedido o direito de dirigir um jornal às mulheres; Maria Deraismes dirige o “Le Républicain de Seine et Oise”.
- 1881 - Os Correios abrem às mulheres;
- 1882 - A Loja masculina “Libres Penseurs” de Pecq, numa decisão com alguma controvérsia interna, apesar dos seus regulamentos preverem a admissão de mulheres aos trabalhos, tinha votado anteriormente a admissão de Maria Deraismes. Para ficar responsável pela decisão, no dia 11 de Janeiro de 1882 a Loja declara-se independente da “Grande Loja Symbolique Écossaise de France”;
- 1882 - Marie-Adelaïde Deraismes, seu nome de família, ou Maria Deraismes, como é conhecida, é iniciada em 14 de Janeiro, na Loja “Les Libres Penseurs” a Oriente de Pecq. Georges Martin assiste a esta cerimónia. A Grande Loja Symbolique Ecossaise de France e outras obediências declaram irregular esta iniciação. A Loja de Pecq acaba por se dividir sobre o assunto. Maria Desraimes retira-se da Loja para minimizar a divergência e a loja acaba por retornar à obediência mãe. Georges Martin neste e nos anos seguintes visitará numerosas Lojas para preconizar a entrada das mulheres na Maçonaria. Afirmava que proclamando a Igualdade devia dar o exemplo em relação aos dois sexos e levar a ideia ao mundo profano;
- 1884 - O divórcio, até aí proibido, passa a ser possível por litígio;
- 1891 - Maria Martin, cria o “Journal des femmes”;
- 1892 - No dia 1 de Junho reúnem Maria Deraismes e Georges Martin e decidem cooperar, juntando esforços;
- 1893 - Em Março e Abril 16 mulheres (ou 17 noutra versão) são iniciadas e depois elevadas aos graus de Companheiro e Mestre. Maria Deraismes, já então pressentindo a doença que iria levá-la rapidamente e que precipitara a realização destas iniciações e elevações, assume sozinha a responsabilidade, para proteger Georges Martin das decisões maçónicas desfavoráveis, por faltar aos seus juramentos, caso tivesse colaborado directamente estas acções.



Testamento filosófico de Maria Deraismes

**No dia 4 de Abril de 1893, no nº 45 da Rue de Sevres, em Paris, num templo improvisado, Maria Deraismes e Georges Martin fundam, com as irmãs Mestres referidas anteriormente, a “Grande Loja Symbolique Ecossaise de France Le Droit Humain”.**

Georges Martin filia-se na nova Loja e, no cargo de Orador, redige os seus regulamentos. Em Maio, ele mesmo entrega na Prefeitura de “La Seine” o texto da Constituição da nova Grande Loja.

• • •

Fez, pois, em Abril deste ano de 2013, 120 anos em que os seus corajosos empreendedores Maria Deraismes e Georges Martin, deram o histórico passo, sabendo de antemão as dificuldades que iriam sofrer como consequência desta acção.

Para este histórico acontecimento foram iniciadas entre outras: Clémence Royer, a famosa tradutora de Darwin, Maria Martin directora do “Journal des femmes”, Anne Ferresse-Deraismes, irmã de Maria Deraismes e Marie George Martin esposa de Georges Martin.

No dia 24 de Março Maria Deraismes com Georges Martin procedem à elevação a Companheiro e continuam a formação das Irmãs, para se prepararem para o Grau de Mestre.

Finalmente, no dia 1 de Abril de 1893, é constituída a Câmara do Meio e é feita a afiliação de Georges Martin. No dia 4 é constituído o 1º Colégio de Oficiais com a seguinte formação:

Venerável de Honra: Irmã Clémence Royer;  
Venerável Mestre titular: Irmã Maria Deraismes;  
1º Vigilante: Irmã Marie Bequet de Vienne;  
2ª Vigilante: Irmã Marie Georges Martin;  
Orador: Irmão Georges Martin;  
Secretário: Irmã Maria Martin;  
Tesoureiro: Irmã Anne Ferresse-Deraismes;  
Hospitaleiro: Irmã Levy-Maurice;  
Grande Experto: Irmã Julie Pasquier;  
1º Experto: Irmã Florestine Mauriceau;  
2º Experto: Irmã Eliska Vincent;  
Mestre de Cerimónias: Irmã Louisa Wiggishoff.

Para a escolha da designação da nova Loja, Maria Deraismes alterou a designação “Droit des Femmes” para “Droit Humain”, para poder abranger toda a Humanidade.

Não foram bem recebidas e tiveram reacção hostil as cartas que Maria Deraismes escreveu, desde Janeiro de 1884, às obediências masculinas, apresentando a ainda simples Loja mista. Isto foi o prelúdio do relativo isolamento por que iria passar, a partir daí, ao reforçar nessa época a luta pela aceitação da igualdade plena dos direitos dos homens e mulheres.

A nova Loja suspende os trabalhos, dando um tempo aos fundadores para a organização da Obediência, e dado as instalações serem pequenas, mudou para o nº 33 da Rue Jacob.

Retomaram os trabalhos com força e vigor no domingo dia 22 de Outubro de 1893. Mas necessitando ainda outro espaço, pois o actual também se mostrou insuficiente, mudaram de novo para a Rue des Ecouffles, para a sede da Federação de la Libre Pensée.

A Loja progredia rapidamente. 9 Sessões em 1893 e 17 em 1894, tendo recebido a visita de 227 irmãos, mostra o interesse que provocavam.

Em 6 de Fevereiro de 1894, Maria Deraismes passou ao Oriente Eterno. Substituída pela Irmã 1º Vigilante Anne Ferresse-Deraismes, até à conclusão o ano maçónico. Passa o malhete a Marie Georges Martin que se torna Venerável Mestre da Loja. Esta alcança 50 membros, entre os quais 38 mulheres. Marie Georges Martin manterá o cargo até 1911 e será a primeira Grão Mestre da Ordem.

Em 6 de  
Fevereiro de  
1894, Maria  
Deraismes  
passou ao  
Oriente Eterno.  
Substituída pela  
Irmã 1º Vigilante  
Anne Ferresse-  
Deraismes até à  
conclusão o ano  
maçónico.



O casal George e Marie Martin

George  
Martin, pelo  
extraordinário  
exemplo da  
sua vida como  
médico, político ...  
e finalmente pela  
luta intransigente  
pela causa da  
igualdade das  
mulheres no seio  
das obediências  
maçónicas e  
na sociedade,  
não pode deixar  
de ser referido  
como um  
grande fundador  
da nossa  
obediência.

Em 12 de Junho de 1984 Georges Martin é visado num inquérito administrativo da “Grande Loja Symbolique Écossaise” que visava saber quem fornecera palavras, sinais e toques às Irmãs. Mas terá sido inconclusivo pois Maria Deraismes tinha sido iniciada e elevada na Loja de Pecq nos 3 graus ficando na posse desses segredos e foi ela quem efectuou as admissões de Irmãs.

Em Janeiro de 1895 a loja adopta o relatório do seu Orador, o Irmão Georges Martin, intitulado “L’Enoncé de la doctrine du Droit Humain”. Neste relatório este estende a Declaração de 1789 dos Direitos do Homem e do Cidadão aos dois sexos.

A nova Grande Loja mista, passou a ser procurada cada vez mais em todo o mundo por homens e mulheres. Expande-se rapidamente, embora com algumas vicissitudes, cumprindo o seu objectivo de permitir o acesso à vivência da Liberdade, Igualdade e Fraternidade a toda a Humanidade, sem qualquer discriminação.

Se Maria Deraismes fica para a História como a primeira mulher a ser iniciada e fundar uma nova obediência mista, George Martin, pelo extraordinário exemplo da sua vida como médico, político, batalhador em outras facetas ainda pouco conhecidas e finalmente pela luta intransigente pela causa da igualdade das mulheres no seio das obediências maçónicas e na sociedade, não pode deixar de ser referido como um grande fundador da nossa obediência. Ele foi o principal obreiro da estrutura e constituição iniciais, sacrificando a sua vida pessoal pela causa da nova Ordem que este ano celebra os 120 anos.

George Martin e a sua mulher Marie Martin de tal forma se dedicaram a esta causa que venderam os seus bens para comprar e doarem o palacete no nº 5 da rua Jules Breton, em Paris, que é hoje a sede da Ordem.

Manuel Garrido



Estandarte da Loja nº 1

Bibliografia principal:

- Esquisse sur les origines et l'Évolution de l'Ordre Maçonnique Mixte International «Le Droit Humain», 1993
- Georges Martin, Franc-maçon de l'universel, Marc GROJEAN, Tome I, Ed. Detrad, 1988
- L'Ordre Maçonnique Le Droit Humain, Andrée Prat, Colette Loubatière, Col. Que sai je?, 2ª ed. 2013

Durante a comemoração dos 120 anos de existência do Le Droit Humain, foi representada uma peça de Teatro intitulada «1893-2013, Le Droit Humain, 120 ans de mixités en marche» na sala de festas da Câmara municipal, 13º bairro de Paris. As duas representações foram abertas a todos os públicos.



“Em 1893, Maria Deraismes e o Dr. Georges Martin afirmam a igualdade essencial do Homem e da Mulher, desafiando a proibição da maçonaria mista. A iniciação de Maria Desraimes será o prelúdio da fundação da primeira Ordem Maçónica Mista Internacional, Le Droit Humain. O dar a voz num espaço teatralizado traça o percurso e as dificuldades de 120 anos de defesa dos princípios da Igualdade de ambos os sexos, da Dignidade e da Fraternidade e questiona a actualidade de uma incessante vontade de Progresso”.



Fonte: Página internet da Federação Francesa do DH

